

Fragilidade deve marcar novo governo venezuelano

Luiza Silvestrini

A fragilidade da liderança e os problemas socioeconômicos deverão marcar o cenário político e econômico da Venezuela nos próximos anos, independentemente das eleições realizadas ontem no país, afirmam especialistas ouvidos pelo DCI.

Apesar dos sete candidatos registrados, o pleito foi polarizado entre Nicolás Maduro, sucessor do governo apontado por Hugo Chávez, e o advogado e governador do estado de Miranda, um dos principais da Venezuela, Henrique Capriles, que propõe uma administração "voltada aos negócios". O vencedor assumirá o mandato iniciado este ano por Hugo Chávez, morto no mês passado em decorrência de um câncer, até 2019.

Até o fechamento desta edição ainda não havia números oficiais sobre o pleito. Pesquisa de boca de urna da consultoria International Consulting Services (ICS), porém, indicava o presidente interino da Venezuela com oito pontos de vantagem sobre o candidato da oposição. Segundo a sondagem, 54% declararam ter votado em Maduro, enquanto 46% teriam escolhido Capriles.

A pesquisa, não oficial, ressaltava que pelo menos 68% dos eleitores já havia votado, mas que a diferença entre os candidatos poderia crescer.

O ex-consultor da Organização dos Estados Americanos (OEA) na América Latina e professor do Departamento de Relações Internacionais da ESPM, Mário Sacchi, alerta para a complicada condição da Venezuela e para a indefinição de planos dos dois candidatos. "Ninguém tem propostas claras, é uma incógnita para ambos. E a situação econômica e social está muito crítica, qualquer um que ganhe terá um problema tremendo, não só sobre a economia e a situação de câmbio, mas também sobre o apoio urgente às classes mais baixas", afirmou.

Sacchi alerta, porém, que o próximo governo, seja ele qual for, terá a estrutura mais frágil que o de Hugo Chávez. "Mesmo que ganhe o Maduro, a figura dele não é tão forte quanto a de Chávez, que podia fazer o que quisesse e enfrentar a todos sem arranhões na imagem", explicou. "Ele fez uma campanha baseada na sensibilidade do povo latino, abalado com a morte do Chávez, mas ele não é o Chávez", completou.

Já no que diz respeito ao candidato opositor, o problema será construir uma nova imagem para o país. "Ele quer investimento estrangeiro, mas está falando de um dos países mais inseguros do mundo para os investidores, e isso não se resolve rapidamente", afirmou Sacchi.

Adesão

Quase 19 milhões de venezuelanos estavam habilitados a votar, segundo o Conselho Nacional Eleitoral (CNE). Até o fechamento desta edição, porém, não havia números oficiais de quantos eleitores foram às urnas, já que o voto no país não é obrigatório. Entretanto, o chefe do Plano República, nome da operação de apoio militar ao processo eleitoral, Wilmer Barrientos, disse que as primeiras horas de votação "ocorreram normalmente e registraram uma presença massiva de eleitores".

Publicações locais, no entanto, como o jornal El Nacional, informavam que os "eleitores se mobilizam em um ritmo menor que o registrado em 7 de outubro", assim como o jornal El Universal, que relatava uma baixa presença na zona leste de Caracas - considerada uma das maiores concentrações de opositores ao atual governo.

As eleições de outubro do ano passado tiveram participação recorde de 80,48% dos cidadãos aptos a votar.

Na noite de sábado (13), os dois candidatos convocaram coletivas para chamar a população a votar e pedir paz no processo eleitoral. As eleições são acompanhadas por observadores internacionais da Organização dos Estados Americanos (OEA), do Mercosul, por observadores

independentes convidados pela oposição e pela missão observadora eleitoral da União de Nações Sul-americanas (Unasul).

A eleição também foi marcada pelos recentes protestos da oposição, que alega que o presidente em exercício Nicolás Maduro teria violado as leis ao fazer campanha após a data-limite de quinta-feira (11) e que em algumas partes do país, os eleitores estariam entrando acompanhados nas salas de votação.

Henrique Capriles também reclamou da aparição de Maduro na televisão estatal pedindo aos venezuelanos para irem às urnas.

Além disso, foi transmitida uma visita de Maduro ao túmulo de Hugo Chávez. Na visita, o presidente em exercício aparece acompanhado do ex-jogador de futebol argentino Diego Maradona, que foi à Venezuela oferecer apoio a Maduro.

Mas não só os venezuelanos que moram no país puderam escolher o novo presidente. Os venezuelanos residentes fora do país também puderam votar para escolher o sucessor do presidente Hugo Chávez. No Brasil, pouco mais de mil venezuelanos estavam cadastrados para participar da votação. Para isso, foram montadas sete urnas, uma em cada um dos seis consulados e mais uma na embaixada, que funciona na capital federal.

Fonte: DCI, São Paulo, 15 abr. 2013. Caderno A, p. A12.